O JOGO DAS ANDORINHAS: IDENTIDADE, CULTURA E SENSIBILIZAÇÃO

Liane Azevedo de Souza
UFCG
lianezvd@gmail.com

Josilene Pinheiro-Mariz
UFCG
jsmariz22@hotmail.com

Considerações iniciais

Pensar em identidade e cultura é algo, por assim dizer, ordinário, seja no âmbito do ensino de língua, seja no ensino de literatura; pois, ao se trabalhar com a língua, o professor é levado a apresentar ao seu estudante, textos que deem conta de sensibilizar o aprendiz da língua a partir de textos, tais como os literários, haja vista que a literatura consegue reunir harmonicamente elementos de língua e de literatura, sendo um potente instrumento na sensibilização à cultura do outro. Com a abordagem do texto literário também é possível conhecer realidades diversas tais como as situações de guerra. Esse é um tema que tem sido abundantemente trabalhado por autores de diversas nacionalidades, dadas as guerras em que muitos países se encontram. Evidentemente, há regiões que são mais recorrentes em narrativas literárias, muito provavelmente, pela extensão dos danos causados aos habitantes dessas regiões, tais como o Oriente Médio.

Após a descoberta de petróleo no Oriente Médio, os países ocidentais começaram a intervir nos conflitos que já existiam entre os habitantes por questões religiosas e reivindicações de terras, principalmente, os Estados Unidos e a Rússia, antiga União Soviética, que após a Segunda Guerra Mundial iniciaram a chamada Guerra Fria. Diante disso, as guerras nos séculos XX e XXI se intensificaram nos 15 países que compõem o Oriente Médio, por exemplo, o Irã fez um acordo com os britânicos para a extração do petróleo, mas causou uma grande instabilidade política no país. Presenciando e acompanhando as notícias desses conflitos, vários escritores de diferentes partes do mundo começaram a produzir obras de diferentes gêneros, sobre as situações que levaram aos conflitos de diversos países tocados pelos combates, ressaltando-se como tudo isso mudou totalmente suas vidas, levando-as à fome, a morrer de doenças pouco complexas, a terem as suas casas destruídas e a serem obrigadas a migrarem de um país para outro em busca de melhores condições de vida, como refugiados.

Mas, esse não é um movimento novo, os romances gráficos, por exemplo, produzidos por escritores e ilustradores, possibilitam aos leitores uma imagem próxima do real sobre o que acontece com as pessoas durante os cenários de guerra, conforme se pode ver em diversas obras, a exemplo de *Maus: a história de um sobrevivente*, escrito por Art Spiegelman. Nessa obra, o seu autor apresenta a situação dos judeus durante o holocausto, do ponto de vista do protagonista, pai do autor, que contou a história e seus traumas adquiridos ao longo do tempo. Outro exemplo é a escritora Marjane Satrapi que também narra a sua história no romance gráfico autobiográfico *Persépolis*. Ela é a protagonista e mostra o antes e o depois da Revolução Iraniana de 1979. Além de

Persépolis, publicou também *Frango com Ameixas*, cujo protagonista é o tio da autora e conta a sua história. Já em *Bordados*, a protagonista é a Marjane e ela mostra as mulheres iranianas por um olhar mais privado. As obras em formato de quadrinhos são mais aceitas, hoje, e a quantidade dessas obras floresceu significativamente, exemplo de *O jogo das andorinhas: morrer, partir e retornar*, da escritora Zeina Abirached. Nela, autora relembra a sua infância, na época com apenas 10 anos de idade, e a guerra civil libanesa que aconteceu de 1975 a 1990, entre cristãos e mulçumanos. Ela nasceu em uma família libanesa cristã em 1981 e reuniu, nessa obra, as suas lembranças da época que morava em Beirute, capital do Líbano.

A partir da contextualização histórica dos fatos e da reflexão que a literatura proporciona sobre a sobrevivência das pessoas nessas condições, esta pesquisa tem os objetivos de identificar como a literatura pode contribuir com o relato e sensibilização de guerras civis; para isso, será analisada a obra *O jogo das andorinhas: morrer, partir e retornar* e, a partir dela, serão observados os aspectos culturais do povo libanês presentes na obra, delineando a formação identitária da protagonista diante de um contexto de guerra. Esta é uma pesquisa bibliográfica, exploratória e documental de acordo com Gil (2002) e para alcançar os objetivos propostos nos ancoraremos nos estudos de Hall (2006; 2016) sobre identidade e cultura, em Compagnon (2009) e em Todorov (2009) para as discussões sobre a literatura e em Hobsbawm (1995) que aborda o contexto histórico dos conflitos. Esta pesquisa está dividida em duas partes, a saber: literatura e sensibilização, identidade e cultura em um contexto de guerra e ainda estas considerações iniciais e as considerações finais.

1. Literatura e sensibilização

Ao escrever uma obra literária, o autor não tem a obrigação de relatar os fatos como realmente aconteceram, mas ele pode utilizar as situações reais como inspiração para a sua produção. Sendo assim, a literatura também acompanha e descreve os acontecimentos históricos e sociais de cada época, como forma de sensibilizar o leitor e torná-lo mais receptivo para com a dor do outro, a partir de temáticas atemporais, como: imigração forçada, preconceito religioso, racismo e outras questões sociais. Essas narrativas que tratam de temas sensíveis apresentam fatos que podem ser comparados com a atualidade, pois como pode ser observado, ao acompanhar a história da humanidade, ao longo dos séculos, alguns acontecimentos se repetem, não com o mesmo povo, mas sendo uma situação semelhante, por exemplo: a relação entre poder e religião, os países do Oriente Médio estão com guerras civis em seus territórios, devido às diferenças entre as religiões; outro exemplo foi o holocausto, em que milhares de judeus morreram na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, com a ascensão do Nazismo; ainda, percebe-se que as pessoas e as regiões que possuem pouco poder aquisitivo, nesse mundo globalizado, são as que mais sofrem com esses conflitos.

Ao compreender a relação entre os textos e seus contextos de escrita, o leitor perceberá que a partir da leitura de um texto literário, ele estará não só encantado e emocionado com uma história, aparentemente fictícia, mas também refletirá e comparará os personagens e a narrativa com os indivíduos e a vida real. Assim, poderá ser sensibilizado às situações das pessoas nas mais diversas situações e se tornando mais sensível para a discussão de temas que geram debates, tais como o racismo e a violência contra a mulher, levando-se em conta que a partir de debates e lutas, foram criadas leis que defendem essas "ditas minorias". Diante disso, evocamos o pensamento de Roland

Barthes (1987) que, na sua obra *O prazer do texto*, explica que o prazer da leitura nem sempre é um prazer lúdico, pois, o texto literário pode incomodar e fazer o leitor sair de sua zona de conforto. Por certo, o que o leitor sente na leitura de uma obra literária, está mais relacionado ao que pensa e no seu ritmo de leitura do que propriamente ao que está escrito em cada narrativa, pois o leitor pode estar diante de uma leitura erótica e não sentir prazer e nem alegria, então, como Barthes (1987) diz "é o próprio ritmo daquilo que se lê e do que não se lê que produz o prazer dos grandes relatos" (BARTHES, 1987, p. 18).

Mesmo nas escolas, os professores não conseguirão formar leitores críticos se forem apresentados apenas os cânones da literatura, o docente precisa ter um papel de mediador que apresentará vários textos literários de diferentes gêneros e temáticas. Além disso, Compagnon (2009) relata que a leitura de um texto literário não deve ser obrigatória, o indivíduo precisa ter interesse em ler determinada obra ou gênero, por exemplo, a imposição da leitura de clássicos com temáticas mais complexas são comuns na escola, essa imposição causa no aluno uma repulsa pela leitura, pois ele vai ler um texto e não compreenderá o objetivo daquele texto.

Ainda, Todorov (2009) explica que, nas escolas, a literatura é estudada por períodos, seu contexto de escrita e suas características; sendo assim, o aluno verá o texto apenas como um exemplo de escrita de determinada época e não fará uma leitura reflexiva para além das características apresentadas, por isso, Todorov (2009) diz que "na escola não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos." (Todorov, 2009, p. 27), mesmo a literatura sendo ensinada a partir dos séculos para tornar mais didático as aulas, os professores deveriam, primeiramente, discutir todos os pontos do texto para depois apresentar as suas características e relacioná-los com a época de escrita.

Ainda se considerando a leitura da obra literária e o seu papel social, Candido (2006), na sua obra *Literatura e Sociedade*, apresenta as discussões sobre as análises críticas das obras literárias a partir dos estudos da sociologia, entre essas discussões a literatura é vista, primeiramente, como um produto social e, posteriormente, as análises giram em torno da relação entre ficção e realidade. A partir disso, pode ser observado que embora a obra seja escrita em terminado contexto, dependendo do seu gênero e da sua temática, o leitor não conseguirá fazer essa relação entre período, fatores sociais e a obra.

Nesse sentido, para se ter um bom leitor, o professor precisa desenvolver o interesse do aluno para que ele sinta prazer ao ler determinado texto. No momento de fazer uma seleção de obras para leitura, o estudante poderá identificar algum elemento a partir dos paratextos que chame a sua atenção e o deixe curioso, como: a capa, o título, o resumo da obra e o nome do escritor. Por isso, nas aulas de literatura na escola, o professor pode não ter êxito se trouxer apenas trechos de obras clássicas, uma vez que ele precisará discutir a obra na sua integralidade, o que pode ser feito a partir de uma sondagem para identificação de temas e gêneros que os estudantes apreciam. De um ponto de vista empírico, podemos afirmar que, em geral, os jovens gostam de histórias em quadrinhos, mangás, romances de fantasia ou ficção policial e a partir dessa sondagem, o professor poderá introduzir textos que os alunos realmente gostem, ajudando-os a se consolidarem como leitores.

2. Identidade e cultura diante de um contexto de guerra

O movimento de diáspora é muito antigo, pois, quando muitos povos ainda viviam como nômades, já existia a separação de cada um deles em tribos ou castas. Com o tempo e com a fixação dos povos, bem como a criação dos povoados, a língua e a cultura foram sendo estabelecidas, com isso a criação de fronteiras geográficas e linguísticas também foram delimitadas. A partir da separação de cada povo, os costumes e as tradições que cada um possuía, foram sendo consideradas características que diferenciavam um do outro e foram passadas de geração em geração. Nas últimas décadas, os estudos voltados para a questão identitária discutiam sobre a formação e a maleabilidade das identidades, levando-se em conta se era uma questão biológica, como dormir e respirar ou se adquirida com as pessoas do convívio social, a partir da língua, da cultura, das tradições e dos costumes. Nesse sentido, Hall (2006) explica: "assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento." (Hall, 2006, p. 38).

Atualmente, mesmo com a globalização, alguns indivíduos ainda são reconhecidos por suas crenças e o modo de vida que vivem, a partir do âmbito familiar e das pessoas que vivem ao redor, são identificadas como de determinado país ou continente. No entanto, está sendo cada vez mais difícil definir os povos por países, ainda é possível, algumas vezes, fazer a identificação por cada continente, pois algumas fronteiras são mais evidentes devido aos oceanos e mares. Nesse sentido, o conceito de cultura proposto por Hall (2016), leva em consideração as relações de sentidos que determinado povo possui em comum sobre alguma situação, por exemplo, no Brasil não temos o hábito de comer insetos, mas em alguns países essa prática é considerada comum.

Ainda, Hall (2016) não considera objetos como símbolos de uma cultura, "mas sim um conjunto de práticas". (Hall, 2016, p.20), para ele, existe uma diversidade de modos que indicam que determinado indivíduo pertence à uma cultura, por exemplo, o comportamento, as emoções, o sentimento de pertencimento e a identidade; assim, "afirmar que dois indivíduos pertencem à mesma cultura equivale a dizer que eles interpretam o mundo de maneira semelhante e podem expressar seus pensamentos e sentimentos de forma que um compreenda o outro." (Hall, 2016, p. 20). Desse modo, esses aspectos culturais podem ser de forma mais restrita abrangendo apenas uma região ou englobando todo o país, expressões e nomes de alimentos são exemplos mais comuns de coisas que podem variar de acordo com a região, a classe social e a idade.

Sendo assim, propomos reflexões a partir da leitura da obra *O jogo das Andorinhas: morrer, partir, retornar*, um romance gráfico autobiográfico que tem como protagonista a própria autora, Zeina Abirached, no qual ela relembra a sua infância e a guerra no Líbano, especificamente na capital Beirute, onde vivia com os pais, o seu irmão e os vizinhos em um prédio destruído pelos bombardeios. Ao iniciar a leitura dessa obra, o leitor se sensibilizará com os personagens principais, que são duas crianças, assim como com a situação das pessoas que convivem com elas, com suas casas e bens destruídos, sem saber até quando estarão vivos, pois não raramente, bombardeios invadem as casas e os confrontos penetram nas residências.

Sabe-se que a partir das ilustrações dos romances gráficos, o leitor estará mais próximo de visualizar a cena conforme a descrição do autor, diferentemente das narrativas tradicionais que a imaginação do leitor precisa estar mais atenta aos detalhes; como explica Zilberman (2022), a cena "não corresponde a um pano de fundo, mas

desempenha um papel central, porque transmite o sentimento da obra, seja o de exaltação, seja o de destruição, esse predominante nas narrativas modernas." (Zilberman, 2022, p.5). Contudo, essas imagens não são tão fáceis de compreender, assim como os textos, pois o leitor precisa atentar para elas, analisá-las parte por parte. Como relata Georges Didi-Huberman (2017), "as imagens formam, do mesmo modo que a linguagem, superfícies de inscrição privilegiadas para esses complexos processos memoriais." (Didi-Huberman, 2017, p.37), essa formação possibilita a recriação de momentos marcantes que a narrativa traz.

Ainda, é importante ressaltar que os romances gráficos e as histórias em quadrinhos (HQ) são gêneros diferentes, embora sejam estruturados com imagens, os romances gráficos são histórias mais longas e compõem mais cenas que as HQ, enquanto estas abordam temas de super-heróis e histórias mais leves para um público infanto-juvenil, os romances gráficos trazem temáticas mais sérias e sensíveis para um público mais adulto. A ausência de cores vibrantes e o uso predominante do preto e branco nas ilustrações também mostram que as temáticas são complexas e preocupantes.

Esses romances gráficos, com temática de confrontos militares e civis, começaram a ser produzidos a partir da instabilidade político-social que se instalou no Oriente Médio após a Segunda Guerra Mundial, em que os países aliados, que foram os vencedores, se reuniram para dividir os territórios que ainda dependiam economicamente dos europeus ou que não eram independentes; isso aconteceu principalmente territórios africano e no Oriente Médio. Como o historiador Eric Hobsbawm (1995), na sua obra *Era dos extremos*, explica, os conflitos civis presentes nos países situados no Oriente Médio foram causados, em geral, por "uma reação contra os tratados secretos acertados entre os aliados durante a guerra, nos quais dividiram a Europa do pós-guerra e o Oriente Médio com uma surpreendente falta de atenção pelos desejos, ou mesmo interesses, dos habitantes daquelas regiões." (Hobsbawm, 1995, p. 34)

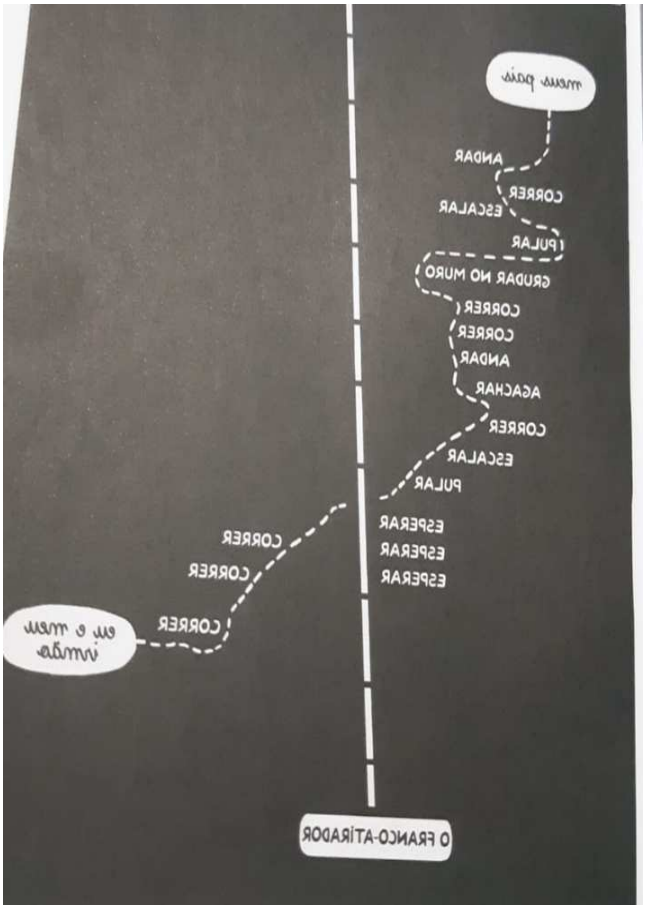
As pessoas que vivem no Oriente Médio são vistas apenas como as notícias transmitidas pelos jornais mostram, pessoas sem dignidade, mas, mesmo no meio de uma guerra, esses indivíduos tentam manter a fé de saírem dessa situação, os costumes e a solidariedade entre amigos e familiares. É comum para as pessoas que não possuem muito conhecimento sobre o Oriente Médio e África só pensar em pobreza, miséria, fome, doenças, mortes e destruições, mas como diz Chimamanda Ngozi Adichie (2019) o problema da história única transmitida pelos meios de comunicação é que "ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos." (Adichie, 2019, p. 27-28). Diante disso, é preciso pensar em ajudar o próximo, pois aquelas pessoas estão passando por uma situação difícil que não define sua vida e nem sua identidade.

No romance gráfico de Zeina Abirached, a protagonista narra como foi sua infância no meio de uma guerra religiosa no Líbano. Ela descreve a partir das ilustrações como estava dividida a cidade de Beirute, a parte Oriental pertencia aos cristãos e a parte Ocidental era dos mulçumanos. Na figura 1, pode ser observado como as pessoas podiam andar nas ruas, perto do muro, feito de tijolos, sacos de areias e entulhos, as pessoas precisavam correr para não serem mortas nos confrontos pelos franco-atiradores. Esta instabilidade política no país causou aos seus cidadãos problemas psicológicos e financeiros, gerados pela opressão e o medo que os rodeavam

o tempo todo, esses indivíduos não tinham mais uma vida social ou uma rotina, não podiam ir para a escola ou trabalho, nem podiam fazer compras ou ir ao médico, estes traumas adquiridos em situações como essas estarão presentes para sempre na vida dessas pessoas.

Ainda mais grave é que observar como se dava o desenvolvimento das crianças dentro de um contexto de guerra, pois os adultos, já mais maduros, são portadores de uma identidade mais perto do que seria uma identidade formada, podendo ser transformada nesse contexto de guerra. Por exemplo, o caso da história relatada em *Maus*, em que o pai de Art Spiegelman escondia comida em lugares aleatórios e guardava coisas que eram consideradas desnecessárias, pois os traumas adquiridos nos campos de concentração causaram mudanças na sua vida social; sendo necessário um acompanhamento com um profissional qualificado para tentar contornar os danos causados durante os anos em que a pessoa viveu em um contexto de guerra.

Figura 1: Representação do muro que divide a cidade de Beirute



Fonte: Abirached (2015)

Essa situação presenciada por Zeina e seu irmão acarretou problemas na formação identitária deles, pois esses jovens ficaram presos em suas moradias sem poderem sair para brincar, ir para escola, ter contato nem com a natureza, nem com o ambiente urbano. Por essa razão, eles não conseguiram ter o mesmo desenvolvimento que outras crianças que vivem em um ambiente seguro, pois a identidade é construída a partir do ambiente em que se vive e do contato com os familiares e amigos.

A situação narrada no romance gráfico mostra que durante os confrontos, as pessoas não conseguiam se comunicar para saber se os familiares e amigos estavam vivos, essa experiência já causava uma grande preocupação. Certo dia, os pais de Zeina tentando entrar em contato com a avó dela, como mostra a figura 2, resolvem ir para o outro lado da cidade visitá-la, no lado dos mulçumanos. Como eles ficavam no lado cristão, era difícil atravessar o muro; ao anoitecer, os pais de Zeina ainda não tinham chegado e os bombardeios começaram, os vizinhos, preocupados com eles e com as crianças, se reuniram com Zeina e seu irmão para protegê-los.

Figura 2: os pais de Zeina tentando falar com sua avó



Fonte: Abirached (2015)

Os vizinhos que moravam no mesmo prédio que a protagonista, seu irmão e seus pais, iam para o apartamento deles, mesmo estando em confronto, com bombas explodindo a todo momento; mas, mesmo assim, era o local mais seguro para se proteger. Quando os pais dela saíam de seu apartamento, os vizinhos também ajudavam com as atividades domésticas, cozinhando e cuidando das crianças. Na figura 3, abaixo, observamos um episódio bastante assustador, em que Zeina e seu irmão estavam na casa ao lado, junto com os vizinhos que escutavam as notícias pelo rádio à espera dos pais que ainda não tinham voltado; como ninguém podia ficar circulando pela cidade, o rádio era o único meio de informação. De acordo com o locutor: em uma explosão morreram 81 pessoas e 221 ficaram feridas; com essas informações todos ficaram preocupados com os familiares que estão passando por esses momentos de dificuldades.

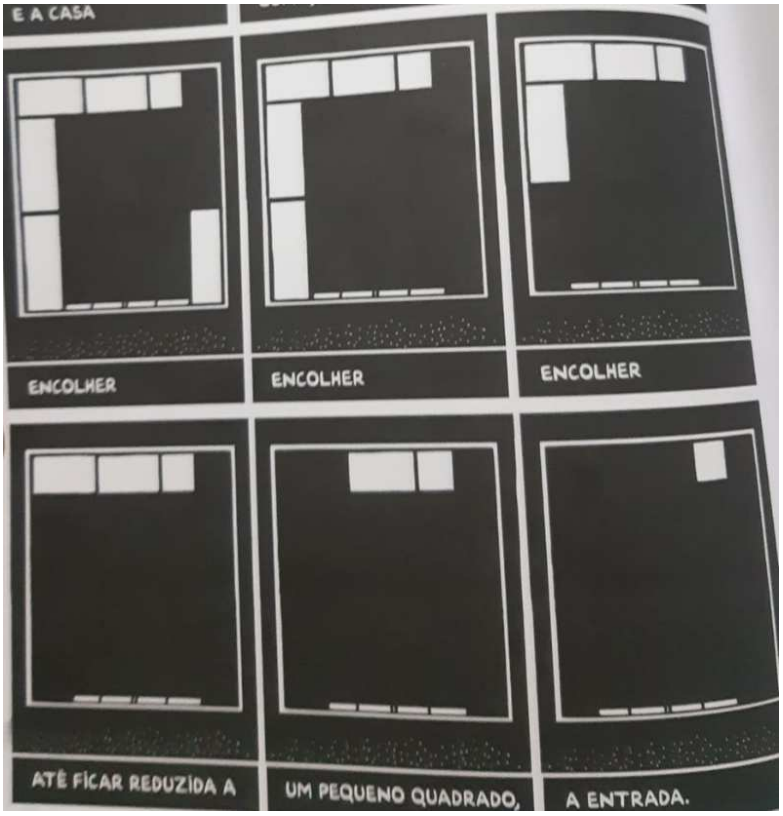
Figura 3: Os vizinhos cuidando das crianças



Fonte: Abirached (2015)

Na figura 4, pode ser observado como ficou a moradia de Zeina. Mas era, igualmente, o caso das residências de outras pessoas, após ela e sua família deixarem de utilizar todos os cômodos do seu apartamento por causa dos tiroteios. A residência de Zeina, em Beirute, possuía muitas janelas, então para evitar de serem atingidos por balas perdidas ou estilhaços das explosões, eles ficavam a maior parte do tempo na entrada, junto com os outros vizinhos porque era o lugar mais seguro do prédio.

Figura 4: Tamanho dos cômodos da casa



Fonte: Abirached (2015)

A partir do romance gráfico *O jogo das Andorinhas: morrer, partir, retornar*, a escritora, Zeina Abirached, mostra que mesmo com a instabilidade política e religiosa que a guerra causou no Líbano, as pessoas eram unidas, mesmo que tivessem pouca comida ou espaço, dividindo sempre com os vizinhos o que tinham. Não se pode negar que as situações de muitas pessoas naquele contexto mudaram suas histórias, pois, por certo, esses confrontos afetam a vida de todos que estão vivendo nesse ambiente. Todavia, elas faziam o possível para manter as crianças mais tranquilas, tentando levar uma vida normal dentro dos limites a eles impostos.

Nesse contexto, a escritora optou por apresentar seu relato difícil de forma mais descontraída, com crianças como protagonistas, que sempre estavam brincando, vizinhos que estavam conversando e compartilhando objetos, como normalmente se faz. Entretanto, muito embora se trate de certo tom de ludicidade, o tema bastante complexo é tratado de modo a sensibilizar o leitor que, de alguma forma, se identifica com a situação daqueles moradores em perigo, das crianças quase órfãs etc.

Considerações finais

A partir da criação do romance gráfico, muitos escritores e ilustradores optaram por produzir esse gênero, em formato autobiográfico, para tratar de temas relevantes e de grande repercussão, principalmente, quando são pessoas que passaram por momentos de vida ou morte que narram suas histórias ou das suas famílias com mais riquezas de detalhes. Nesse sentido, os exemplos de romances gráficos trazidos neste texto mostram

como são importantes essas narrativas para a reflexão e sensibilização de acontecimentos históricos que causaram a mortes de milhares de pessoas.

Um dos diferenciais das obras gráficas é que as ilustrações proporcionam ao leitor a possibilidade de visualizar as memórias dos cenários de guerra, das personagens e de seus sentimentos com mais precisão. Elas mudaram a forma de enxergar os romances gráficos e as histórias em quadrinhos, que eram voltados mais para o público infanto-juvenil, pois deram a elas a notoriedade dos romances tradicionais, trazendo um público adulto e mais leitores experientes.

Atualmente, os romances gráficos que tratam as guerras civis no Oriente Médio estão em evidência, pois esses confrontos civis e militares foram causadas devido às questões político-religiosas, que tiveram também a influência dos países ocidentais em busca da retirada de petróleo na região. Tais confrontos desestruturam as famílias que foram separadas e quem possuía condições financeiras para sair do país, buscava de melhores condições de vida e sobrevivência em países sem guerras; mas, nem todos tinham meios de migrar para outras regiões e ficaram reféns da guerra, sem saber se iriam sobreviver.

Nesse contexto, é importante lembrar que as visões que as mídias apresentam dessas histórias não são pura mentira, uma vez que são incompletas, pois não é possível definir um povo apenas por sua condição atual, somos todos parecidos e nesses momentos é necessário a empatia e a solidariedade, e acima de tudo, o respeito com as crenças e tradições de cada povo. Assim, a literatura possibilita conhecer mais do que é apenas compartilhado pelas redes de comunicação, ela também proporciona ao leitor uma reflexão a respeito dos seus atos e também o torna interessado nas lutas dos outros.

Referências

ABIRACHED, Zeina. **O jogo das andorinhas:** morrer, partir, retornar. Campinas: Zarabatana Books, 2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

COMPAGNON, Antoine. **A literatura para quê?.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição:** o olho da história, 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOBSBAWM. Eric. **Era dos extremos:** o breve século XX: 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina. Apresentação: a guerra - mais que um tema para a literatura. **Nau Literária: crítica e teoria de literatura**. Porto Alegre. Vol.11 N. 02. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/nauliteraria acesso em 09 nov 2022